

AS VOZES E OS SILENCIAMENTOS: UMA LEITURA DE *KINDRED – LAÇOS DE SANGUE*Bruna Martins de Oliveira¹
Relines Rufino de Abreu²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar os silenciamentos infligidos a personagens femininas no romance da escritora afro-americana Octavia Estelle Butler, *Kindred- Laços de Sangue*, a partir de uma perspectiva interseccional no que tange às experiências vividas pela protagonista. O enredo segue a tradição da escritora, conhecida como a “grande dama da ficção científica”, ao denunciar as opressões sofridas por mulheres negras em diversos contextos.

Palavras-Chave: Interseccionalidade; Ficção Científica Feminista; Literatura afro-americana.

ABSTRACT: The objective of this work is to analyze the silencings inflicted on female characters in the novel by the African-American writer Octavia Estelle Butler, *Kindred*, from an intersectional perspective regarding the experiences lived by the protagonist. The plot follows the tradition of the writer, known as the "great lady of science fiction," in denouncing the oppressions suffered by women in various contexts.

Key-words: Intersectionality; Feminist Scientific Fiction; African-American Literature.

Este artigo pretende analisar questões que perpassam a representação da mulher negra na obra *Kindred – Laços de sangue*, tendo como foco o silenciamento das mulheres escravizadas. O exercício de se discutir a representação das experiências femininas em diversos contextos socioculturais, incluindo no meio literário, vem desnudando relações de poder e formas de opressão e resistência que por muito tempo ficaram encobertos. Trazer o debate acerca da condição das mulheres em uma conjuntura de extrema opressão à população afro-americana, como foi o sistema escravista do século XIX e XX, nos Estados Unidos, é uma tentativa de se aproximar das experiências de quem viveu naquele universo violento. Esta realidade opressora transmutada em *Kindred – Laços de Sangue* pode ser vista como uma oportunidade de dar visibilidade às muitas vozes anteriormente silenciadas pela

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais.

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

sociedade, assim como enfatizar as ações de resistência de quem viveu esse momento da história que ocorreu nos séculos passados.

Faz-se importante ressaltar que a cor da pele era requisito para definir a hierarquia racial e classista no século XIX, nos Estados Unidos, tal divisão excludente colocava de um lado as pessoas brancas, e do outro, os negros tratados como “não humanos”. Embora tenham se passado dois séculos, é possível ainda verificar o tom alarmante do discurso de Donald Trump, em uma reunião com legisladores na Casa Branca, onde o atual presidente dos Estados Unidos fez comentários racistas chamando El Salvador, Haiti e nações africanas de “países de merda”. O presidente ainda questiona: “Por que temos todos esses países de merda vindo para cá?”³ Segundo a notícia do jornal Carta Capital e O Globo⁴, o presidente teria dito preferir imigrantes de países como a Noruega no solo estadunidense. Trump ainda ironiza não mencionando apenas um país branco, ele cita o mais branco deles – “tão branco que eles usam protetor de pele contra os raios lunares.” Rupert Colville, porta-voz de direitos humanos da ONU, repudiou os comentários racistas do presidente: “Estes são comentários chocantes e vergonhosos do presidente dos Estados Unidos. Não há outra palavra que se possa usar que não seja ‘racista’,” afirma.

Diante do exposto, não só no contexto estadunidense, mas também em outras localidades, como no Brasil, por exemplo, é possível compreender que as estruturas de poder da sociedade atuam de forma conjunta, gerando opressões dinâmicas que operam de formas diferentes. Um exemplo é a discriminação racial que se revela de modo diverso para mulheres e homens, limitando vivências e negando direitos ao povo de origem africana.

É interessante notar no contexto atual brasileiro a luta das mulheres negras para se inserirem em espaços de poder, como, por exemplo, o assassinato de Marielle Franco, vereadora, mulher negra que foi referência para o Movimento Negro, para os Movimentos Feministas e buscou representar isso na Câmara dos Vereadores carioca, entretanto, foi silenciada, por motivos ainda desconhecidos segundo a notícia do jornal Carta Capital.⁵ É importante expor, também, o caso recente da advogada Valéria Lucia dos Santos, outra

³ Shithole Countries. “Why have we had to accept these shithole countries coming here?” (tradução nossa). Disponível em: Revolta mundial após comentário de Trump sobre Haiti e Países Africanos. www.cartacapital.com.br, 13 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/revolta-mundial-apos-comentario-de-trump-sobre-haiti-e-paises-africanos>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

⁴ GLOBO, O. Para grande parte da imprensa americana, Donald Trump é racista. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/para-grande-parte-da-imprensa-americana-donald-trump-racista-22285353>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

⁵ Vereadora do psol Marielle Franco é morta a tiros no Rio. www.cartacapital.com.br, 14 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-rio>>. Acesso em: 24 mar. 2018

mulher negra, que assim como Marielle, teve seus direitos violados durante um julgamento em Duque de Caxias, conforme a notícia do Jornal Folha de São Paulo.

Durante uma audiência ao exigir seus direitos, a advogada foi algemada no tribunal por policiais. Na notícia ela ainda relata em uma situação análoga à escravidão: “Aí você pensa: Como é a formação da nossa sociedade? Vamos dar os nomes: tem o senhor de engenho, a senhorinha, o capitão do mato. E quem estava no chão algemado? Eu.” Através da fala da advogada, é possível perceber como a realidade das mulheres negras é ainda carregada de momentos dolorosos e, como elas na atualidade resistem e lutam para ocupar espaços de poder na sociedade. Valéria relata que sofre constantemente com o preconceito no trabalho e não se sente representada no judiciário. Por isso, é necessário pensar a sociedade, bem como, suas políticas excludentes, que conduzem as mulheres à margem. É preciso incluir as preocupações políticas das mulheres nas agendas partidárias e não rejeitá-las ou excluí-las. Esses casos apresentados se ligam diretamente à obra de Butler (2017), já que a autora nos traz uma protagonista que enfrenta o racismo em diversos níveis nos anos 70, assim como vive a experiência de ser escravizada no século XIX. Deste modo, podemos perceber que *Kindred* (2017) consegue estabelecer o elo entre tempos e espaços distintos não só entre Edana, personagem principal, e a escravas, mas também se liga as Marielles, Valérias e Trump. Apenas pelo gênero Ficção Científica é que essa ligação foi possível de ocorrer.

Deste modo, com o propósito de compreender o romance *Kindred – Laços de Sangue* de maneira mais clara faz-se necessário expor uma breve contextualização da obra: Butler (2017) ficcionaliza duas épocas e lugares distintos, mas que entram em diálogo constantemente por meio de uma narrativa em primeira pessoa feita pela protagonista Dana. Um dos contextos do romance retoma as décadas que antecederam a Guerra Civil Norte-Americana (1861-1865), quando o sistema escravocrata estadunidense começa a ser questionado. O outro, leva o leitor para os anos 70, onde Dana, mulher negra americana, vive com o marido, Kevin, na Califórnia. Embora a narrativa seja ambientada em 1976, o enredo é centrado na viagem no tempo/espaço que a protagonista faz, involuntariamente, para o ano de 1815, na cidade de Maryland. Essas viagens no tempo ocorrem por motivos desconhecidos pelas personagens, porém, possuem um ponto em comum: o encontro com a personagem Rufus. Por meio do enredo pode-se notar que Butler (2017) se apropria do olhar de uma mulher negra contemporânea, que vive o contexto de luta dos negros pelos Direitos Civis, nos Estados Unidos, nos anos 70, para viajar até a escravidão mostrando de onde veio a segregação que ocorreria séculos mais tarde. Ousamos dizer que a obra nos leva para o século

XXI também e nos lembra de que a escravidão foi nossa antepassada e do quanto foi preciso lutar para alcançar os direitos e as oportunidades dos dias de hoje, por mais que ainda sejam frágeis e obsoletos. Deste modo, este artigo pretende propor reflexões e enfatizar as vozes sociais e sua relação dialógica com as relações de poder em *Kindred- Laços de Sangue* (2017), principalmente naquilo que se refere aos silenciamentos das personagens femininas na obra. Gonzalez (1984), na obra intitulada *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, também traz apontamentos sobre o silenciamento das mulheres negras, afirmando:

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (GONZALEZ, 1984 p.3)

A ideia trazida por Gonzalez (1984) expressa uma característica fortíssima que o romance de Butler (2017) apresenta para o leitor através da narrativa de sua protagonista, Edana, uma mulher negra que viaja no tempo/espaço revelando suas experiências do contexto escravista para um contexto denominado pós-abolição. Contudo, o romance dialoga com a citação quando retrata a voz de grupos historicamente silenciados e marginalizados. Deste modo, é fundamental apresentar o pensamento teórico feminista da filósofa Angela Davis, autora de uma das obras basais para o estudo e entendimento do feminismo negro, bem como, para compreensão da personagem Dana no romance. A filósofa (2016) expõe questões cruciais no que tange à exclusão das causas das negras nas agendas de movimentos sociais, como o antiescravagista e o sufragista feminino. Da mesma maneira, também realiza discussões sobre o racismo institucional, mostrando como ele se manifesta nas estruturas organizacionais da sociedade e nas instituições e, de que modo, a população afrodescendente vivencia isso. Porém, o foco das discussões da autora recai sobre as condições de vida das escravas e, por conseguinte, suas posições dentro do sistema capitalista, visto que as mulheres eram brutalmente exploradas de modos diversos, em suas categorias de gênero, raça e classe. Conforme Davis (2016), o racismo se configura por meio das relações de poder presentes na sociedade, sendo que o “lugar” das mulheres foi construído histórica e socialmente. No que tange às mulheres negras, esse “espaço” é tratado como não existente, ou seja, o lugar que ela ocupa na sociedade é um “lugar” não visto. Segundo Davis (2016), o racismo se constitui como forma de exclusão que confere à população negra em geral um *status* de inferioridade social. Para as negras em particular e, opera como um divisor na luta das mulheres por

igualdade de direitos, uma vez que a mulher branca sempre possuiu e, ainda possui privilégios em detrimento das de origem afrodescendente, sendo estes benefícios, muitas vezes, uma ferramenta de opressão entre elas. Como aponta a autora, a ideologia da feminilidade que se formou e se desenvolveu no século XIX, destacava o “lugar” das mulheres como donas de casa adoráveis para seus companheiros, e sua função no lar como de mães protetoras que zelavam pela sua família, enquanto às negras, no que concerne às suas relações familiares, eram consideradas anomalias. De acordo com Davis (2016), a ideologia da feminilidade foi um subproduto da industrialização que se difundiu por meio dos discursos e da literatura da época, como romances e revistas denominadas femininas. Portanto, na medida em que se propagava e crescia essa ideologia, as mulheres brancas passaram a ser vistas como habitantes de um local totalmente desvinculado do trabalho produtivo. Conforme Davis (2016), a divisão existente entre economia doméstica e economia pública, consequência do capitalismo industrial, concebeu inferioridade às mulheres de maneira mais intensa, pois nos discursos publicitários que vigoravam na época, a palavra “mulher” tornou-se sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, expressões que, segundo a autora, delimitavam em si a marca da inferioridade. Porém, entre as escravas, esse vocabulário não se fazia presente.

Ao longo da leitura de *Mulheres, raça e classe* (2016), torna-se evidente o silenciamento vivenciado por mulheres negras, principalmente no início das lutas feministas e antiescravagistas que, na época, não reconheceram a importância de incorporar as afrodescendentes e suas causas ao movimento. Assim, é possível notar o apagamento e o silenciamento existente em relação à história das mulheres e do feminismo negro, visto que, no que se referem às lutas abolicionistas e feministas, elas não tiveram seu reconhecimento histórico. Deste modo, segundo Davis (2016) o racismo e o sexismo convergem através das relações hierárquicas de poder gerando opressões dinâmicas, ou seja, silenciando mulheres negras, excluindo suas causas das esferas sociais, negando-lhes espaços e limitando suas vidas. Deste modo, é interessante notar que em sua obra intitulada: *As formas do silêncio: No movimento dos sentidos*, Orlandi (1995) adota o silêncio como objeto de análise e reflexão. Um dos conceitos importantes de silenciamento adotado pela autora são os silenciamentos políticos, ou como a teórica indiana Gayatri Spivak (2010), em *Pode o subalterno falar?* afirma, a ausência da voz subalterna em alguns espaços sociais. Conforme a autora discute acerca da ausência de voz, ela argumenta uma questão importante para este artigo, uma vez que afirma que o “não dizer” está vinculado a história e à ideologia. Pode-se inferir com isso que, ao longo da história, a vida e as narrativas de mulheres negras estiveram ausentes tanto

do âmbito literário, quanto do social. Em outras palavras, a existência de mulheres negras é permeada pelo silêncio. Assim, Orlandi (1995) discute acerca do desaparecimento histórico-político que há de alguns sujeitos em determinadas narrativas e instituições sociais, uma vez que fatos históricos foram tecidos por historiadores ortodoxos.

Segundo a autora, o apagamento histórico desses indivíduos tem por objetivo afirmar um único ponto de vista, conferindo privilégio à determinada parcela da sociedade em detrimento da outra. Orlandi (1995) traz a reflexão de se pensar a respeito dos silenciamentos políticos. Destarte a autora afirma:

Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência). E tem todo um campo fértil para ser observado: na relação entre índios e brancos, na fala sobre a reforma agrária, nos discursos sobre a mulher (...) (ORLANDI, 1995, p. 29)

Portanto, faz-se necessário expor algumas considerações de Spivak (2010) que entram em diálogo e ratificam o pensamento de Davis (2016) e Orlandi (1995) em relação à condição de subordinação que foi construída para as mulheres negras. Deste modo, Spivak (2010) argumenta:

A historiografia subalterna traz à tona questões de método que a impediram de usar tal artifício. Com respeito à “imagem” da mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação. (SPIVAK, 2010, p.84-85)

Ao estabelecer uma conexão entre as teóricas apontadas até o presente momento no texto, o intuito é expor que elas fazem uma crítica pertinente sobre as violências e opressões vivenciadas, especialmente, por mulheres negras em suas condições historicamente limitadas, postas à margem, silenciadas e invisibilizadas. Portanto, a afirmação de Spivak (2010) exposta acima, propõe o imperativo de se repensar os discursos dominantes objetivando romper com uma visão hegemônica da história, ou seja, quebrar silêncios impostos por uma visão euro centrada da história. Nessa perspectiva, é necessário compreender que o poder e as opressões trabalham juntos e ambos se sustentam, criando contextos díspares para mulheres negras. Assim, por meio do exposto, é necessário salientar que *Kindred* tem uma grande relevância ao trazer outra versão dos fatos e, talvez, seja essa a maior contribuição do

romance para o gênero Ficção Científica. Dentro da caracterização do gênero feita por Barreiro (2014), destaca-se em *Kindred* a viagem no tempo que é vista como uma experiência pessoal, a qual serve como instrumento para conhecer e compreender melhor a história, gerando, assim, uma visão alternativa dos fatos, uma perspectiva nascida fora do *status quo*. Ademais, a questão da viagem no espaço e tempo narrado pelo olhar da escrava, se caracteriza por explorar temas comuns à Ficção Científica Feminista: raça, gênero, empoderamento feminino, divisão de classe, sexualidade, escravidão e atenta para a necessidade de se estar constantemente alerta aos discursos opressores que permeiam as narrativas literárias e a sociedade. No que diz respeito à Ficção Científica tradicional, interesse aqui Hubble e Mousoutzanis (2013) argumentam que *Kindred* é em parte Ficção Científica, uma vez que, o romance utiliza a viagem no tempo para articular os horrores do sistema escravista e seu legado histórico na sociedade contemporânea. Contudo, sua leitura também induz a interpretação pós-colonial da narrativa, uma vez que a história é narrada da perspectiva de uma escrava. Assim, os autores expõem que é essa renegociação entre fronteiras de gênero que faz com que o romance permaneça como um texto fundamental tanto dentro quanto fora da Ficção Científica. Subvertendo as narrativas tradicionais conhecidas popularmente acerca do gênero de Ficção Científica que geralmente abordam com profundidade as características científicas, o romance de Butler (2017) ignora intencionalmente como Dana viaja no espaço/tempo.

Ao longo do romance, Dana descobre que viajou não só no espaço, bem como, no tempo ao ser induzida diversas vezes a salvar a vida de Rufus Weylin e, logo, ser inserida na Maryland de 1815. Em um diálogo com Kevin, ela revela para o leitor que não pode mudar o curso da história, uma vez que, ela comprometeria toda geração futura de sua família. Destarte, eles dizem: “Estamos no meio da história. Certamente não podemos mudá-la” (p.162), e além, “Acabou... Não há mais nada que você possa fazer para mudar isso agora” (p.423). Através das sentenças supracitadas, Dana revela para o leitor o foco do romance e seu forte objetivo político que é expor as vivências da população negra, sobretudo das mulheres negras no período escravocrata e na década de 70. Em outro momento da narrativa quando Dana retorna ao passado, ela convida o leitor a refletir acerca dessas duas épocas aparentemente distintas, mostrando como o passado impacta no presente e, também, como 1815 estava vívido em sua memória: “Era como se eu estivesse perdendo meu lugar aqui em minha própria época. A época de Rufus era uma realidade mais pungente, mais forte” (p.305). Desta forma, Hubble e Mousoutzanis (2013) salientam que o artifício científico ou

tecnológico das viagens no tempo não são questões basais na obra de Butler (2017), ao contrário, os autores afirmam que são as possibilidades literárias e políticas de ruptura temporal que amparam a nítida exposição do sistema escravista na narrativa e suas ressonâncias históricas. Ainda, conforme Hubble e Mousoutzanis (2013) discutem, o transporte de Dana no espaço/tempo também permite que a obra se enquadre em outro gênero literário: a narrativa Neoescrivista. Criando através da Ficção Científica e da narrativa de escravos, um texto que fomenta novos terrenos sociais para ambos os estilos, enquanto suas funções genéricas são igualmente inquietantes. Deste modo, a estrutura da narrativa de Butler (2017) revela uma nova maneira de fazer Ficção Científica, ao mesmo tempo em que, possibilita a adequação de sua obra a outros gêneros literários. Em um excerto do romance há uma frase de Butler (2017) em que a autora afirma: “Escrevo sobre pessoas que fazem coisas extraordinárias. E coincidiu disso ser chamado ficção científica.” (p.432) Além de todas as questões que a obra abrange, é interessante notar que o próprio título “*Kindred*”, cujo significado remete a “família” e “parentesco”, revela de maneira árdua como famílias foram formadas e, para além dos laços sanguíneos, as implicações que essas formações familiares têm na vida de pessoas que são fruto desses relacionamentos, como a personagem Dana que, apresenta na contemporaneidade diversas aflições acerca da concepção de sua família.

De acordo com Pavani (2017), a Ficção Científica Feminista é um subgênero da Ficção Científica que busca colocar em pauta questões sociais como: a maneira que a sociedade constrói papéis de gênero, o papel da reprodução na definição de gênero e o poder político pessoal e desigual entre mulheres e homens. Logo, a Ficção Científica Feminista trabalha os mesmos aspectos que a Ficção Científica tradicional trabalha, contudo analisa o comportamento da sociedade por uma perspectiva crítica diante de questões como: tecnologia e ciência e seus impactos ou consequências em uma determinada sociedade ou em seus indivíduos, geralmente relacionadas a um contexto futuro ou utópico. Embora Butler (2017) não explore bem o elemento científico, sua obra se encaixa no gênero de Ficção Científica Feminista, uma vez que a autora explora temáticas importantes como questões de opressão de gênero e de raça. Por isso, a viagem no tempo/espaço é um tema crucial do romance. Mesmo que a narradora não explique o porquê das viagens ocorrerem, ao longo da leitura, fica evidente para o leitor o que Butler (2017) pretende expor em sua obra: a essência desumana do sistema escravocrata e a escravidão como antepassado de todos e todas. A autora utiliza a Ficção Científica para mostrar as experiências vividas pelas personagens negras no sistema escravista estadunidense, bem como, os reflexos que esse sistema gerou na sociedade

contemporânea, além de, difundir para o leitor reflexões sobre os caminhos que a sociedade anda trilhando para o futuro. Como dito anteriormente, Butler (2007) não explora as questões que envolvem a viagem no tempo e espaço, porém, no decorrer da narrativa, Dana descobre o porquê de sempre salvar o menino Rufus Weylin - ele é uma personagem central para que ela possa nascer anos mais tarde. O garoto vive em Maryland, em 1815 e é filho de escravocratas. Dana percebe que é transportada para o século XIX sempre que ele se encontra em perigo. Em outras palavras, ao longo da narrativa, a protagonista descobre que as pessoas daquela época são seus antepassados, a origem de sua família. Assim, quando Rufus questiona Dana a respeito das viagens, ela argumenta:

-(...) Eu estava em casa, e então, do nada, estava aqui ajudando você. Não sei como acontece, como me locomovo dessa maneira, nem quando vai acontecer. Não consigo controlar. –Para mim, está se tornando cada vez mais crível. Não gosto disso. Não quero me envolver nisso. Não entendo como pode estar acontecendo, mas é real. É doloroso demais pra não ser. E... e meus ancestrais (...) (BUTLER, 2017, p.34-74)

Se a escravidão, pela própria natureza do sistema, compelia ao silêncio, ao narrar a história, Dana tem o intuito de romper com os silenciamentos impostos às mulheres negras ao mesmo tempo em que evidencia uma representatividade no âmbito literário por ser uma protagonista negra contando sua história e, também, a história de seu povo. Como exposto no diálogo a seguir:

-(...) Olha, seus antepassados sobreviveram àquela época, sobreviveram com menos vantagens do que você tem. Você não é inferior a eles.
-De certo modo, sou.
-De que modo?
-Na força. Na resistência. Para sobreviver, meus antepassados tinham que enfrentar mais do que eu conseguiria. Muito mais. (...) (BUTLER, 2017, p.81-82)

Na citação acima, Dana revela a consciência acerca de suas condições no sistema escravocrata, bem como, mostra para o leitor sua fragilidade mediante a situação a qual é submetida, destacando o sofrimento que seu povo teve que passar. Narrando de dentro para fora do sistema escravista, Dana, que narra sua experiência em primeira pessoa e é colocada como autora ficcional de *Kindred*, utiliza a escrita como uma forma de resistência e instrumento de poder. Ela escreve para tentar mediar suas relações com outras personagens na obra, assim como obter algum poder sob a realidade para qual é transportada, e denunciar a condição das personagens escravizadas no romance e os silenciamentos impostos a elas. É

evidente a consciência de Dana do poder que possui ao narrar, transgredindo os silenciamentos e reivindicando a pluralidade de vozes de mulheres negras no romance, pois, além de poder controlar a narrativa, ela infringe também a ordem, conferindo a si o direito a expressão de sua subjetividade, uma vez que possui acesso à escrita e à leitura, habilidades que Tom Weylin, pai de Rufus e dono da protagonista na sociedade escravocrata, não desenvolveu de maneira efetiva. Dana representa a voz de grupos subalternizados, e ao narrar ela configura em sua narrativa a força e a resistência que as mulheres negras precisaram ter ao longo da história. Para ela, ser uma mulher negra que narra é uma maneira de alcançar um tipo de poder, de desconstruir o *status quo* que foi imposto ao longo da história, denunciando as opressões e violências sofridas pelas escravas, destarte Ribeiro (2017) afirma:

Mulheres negras, por exemplo, possuem uma situação em que as possibilidades são ainda menores – materialidade! – e, sendo assim, nada mais ético do que pensar em saídas emancipatórias para isso, lutar para que elas possam ter direito a voz e melhores condições. Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a resignificação das identidades, sejam de raça, gênero, classe para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica. (RIBEIRO, 2017, p.43)

Portanto, faz-se necessário notar que a obra intitulada *Pode o subalterno falar?* Gayatri Spivak (2010) discorre sobre a situação da mulher na sociedade. Assim como Davis (2016), a autora enfatiza a condição da mulher subalterna, ou seja, a mulher negra e pertencente a uma classe não privilegiada. De acordo com Spivak (2010) gênero, raça e classe são características determinantes a condição de subalternidade, uma vez que, Davis (2016) ao expor o pensamento interseccional afirma que, as mulheres são submetidas a múltiplas formas de opressão, conferindo assim, para a mulher negra um “lugar” de inferioridade social condicionado ao ideológico. Segundo evidencia Spivak (2010), o lugar de onde a subalterna fala não é central, mas periférico, ou seja, o discurso subalterno está à margem em relação a outros discursos, ou de modo ainda mais agravante: “o subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais.” (SPIVAK, 2010, p. 165) Dessa forma, a autora evidencia para o leitor que o discurso subalterno não é ouvido, não se faz ouvir, pois é um discurso extremamente apagado e até mesmo invalidado histórica e socialmente. Ainda se referindo a condição da mulher a autora afirma que “se o discurso do subalterno é obliterado, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero.” (SPIVAK,

2010, p.17). Em um diálogo com a personagem Sarah, escrava responsável por cuidar da casa de Tom Weylin, pai de Rufus, Sarah mostra para Dana as consequências que a fala pode gerar, uma vez que, se alguém ouvisse a conversa entre elas, fofocas poderiam chegar aos ouvidos dos Weylins.

O discurso de Dana é, também, uma busca por se situar naquele universo, na sociedade e no período histórico, ou seja, é uma tentativa de constituir uma identidade em meio a discursos e relações inconstantes, as quais emanam ideologias opressoras em relação aos negros. Por isso, é importante ressaltar que o discurso da personagem traz uma pluralidade de vozes, fazendo com que sua fala não represente apenas sua voz, mas a voz de um povo silenciado historicamente. Destarte, a personagem revela na passagem a seguir seu desespero diante do que vivencia e, também, a necessidade que tem de se adaptar ao “papel de escrava”:

Era por isso que eu estava aqui? Não apenas para garantir a sobrevivência de um menininho que sempre estava em perigo, mas também para garantir a sobrevivência de minha família, meu próprio nascimento? (...) Eu tomei cuidado. Conforme os dias se passavam, eu criei o hábito de tomar cuidado. Fiz o papel de escrava, prestava atenção a meus modos provavelmente mais do que precisava, pois não tinha certeza do que podia fazer sem ser punida. Pelo que percebi, não podia fazer muito. (...) E o silêncio, de qualquer modo, parecia mais seguro. (BUTLER 2017, p. 47-148-66).

Deste modo, como discorrido anteriormente é possível afirmar, de acordo com Spivak (2010), que a narrativa da protagonista de Butler (2017) rompe com discursos dominantes, trazendo uma versão da história narrada e vivenciada por uma mulher negra, levando o leitor a pensar por outra perspectiva e a refletir de que modo o poder estabelecido oprime e define identidades. Por isso, analisar o romance de Butler (2017) à luz de pensadoras como Davis (2016) e Spivak (2010), é desestabilizar discursos dominantes com o intuito de fazer surgir “contra discursos” como afirma a filósofa Djamila Ribeiro (2017) em sua obra intitulada “*o que é lugar de fala?*”:

(...) Ser contra, ainda é ser contra alguma coisa. Ser contra hegemônica, ainda é ter como norte aquilo que me impõe. Sim, esses discursos trazidos por essas autoras são contra hegemônicos no sentido de que visam desestabilizar a norma, mas igualmente são discursos potentes e construídos a partir de outros referenciais e geografias; visam pensar outras possibilidades de existências para além das impostas pelo regime discursivo dominante. (RIBEIRO, 2017, p.90)

Diante da invisibilidade conferida ao fazer literário por discursos hegemônicos, *Kindred* traz uma visão de embate a uma única versão dos fatos, levando o leitor ao exercício de reflexão e, também, de reinterpretação da história.

Deste modo, é possível afirmar que o romance descentraliza essa visão euro centrada de mundo, Ribeiro (2017, p.90) ainda ressalta que “há um desvelamento dos processos históricos que colocam determinados grupos em posições subalternas”. Na obra, é possível ver como esse “desvelamento dos processos históricos” atingiu e atinge personagens, pois uma das formas de verificar isso é observar como as personagens negras são tratadas no romance em relação às brancas. Butler (2017), Davis (2016), Spivak (2010) e Ribeiro (2017) evidenciam a necessidade que há de reconhecer a multiplicidade de vozes existentes e, além disso, as autoras supracitadas provocam a reflexão sobre quais indivíduos possuem ou não possuem o direito à voz em uma sociedade fundamentada na “norma colonizadora” e na hierarquia racial.

Sobre a questão do silêncio imposto aos povos subalternizados exposto por Ribeiro (2017), acrescenta-se aqui as colocações de Orlandi sobre o silenciamento, quando a teórica diz que, no momento que povos são impedidos de se pronunciar livremente, a sociedade se torna porta voz deles. A sociedade cria subjetividades para aqueles que não pertencem ao padrão estipulado por ela, gerando estigmas a favor da construção de discursos que servem para as instituições de poder controlar e ratificar seus valores. Como as vozes dos subalternos estão imersas, o que surge como verdade é a versão das instituições de poder. Desta maneira, impede-se que se inscrevam no discurso enquanto seres agentes de sua própria história, condenando aqueles considerados desviantes ao silêncio.

É interessante notar que Dana conta a história para o leitor a partir das experiências que adquire em 1815. Por meio de sua narrativa, é possível perceber que Margaret Weylin, mãe de Rufus, era uma pessoa desagradável, principalmente para com os escravos que trabalhavam em sua casa. Margaret é uma personagem branca, e não exerce nenhum tipo de trabalho doméstico no romance, visto que se considera uma dama. É uma mulher que oprime outras por estar em uma classe superior e se considerar de uma raça superior configurando perfeitamente a “senhora da casa grande”, ou seja, a opressão de pessoas do próprio gênero amparada pela distinção racial e classista é uma das tônicas do romance. Dana ainda conta para o leitor vivências de outras personagens negras escravizadas, como Tess e Alice, por exemplo. Tess, muitas vezes, foi tida como “mucama” de Tom Weylin e realizava funções como outras personagens escravizadas. No capítulo intitulado “*O legado da escravidão:*

Parâmetros para uma nova condição da mulher” Davis (2016) discorre sobre como mulheres negras eram tratadas. Conforme a autora, quando o objetivo dos senhores de escravos era a coerção sexual elas eram vistas como mulheres, mas ainda assim, sua “natureza feminina” era ofuscada pelo trabalho que eram forçadas a realizar, do mesmo modo que os homens, no campo. Desta maneira, os senhores de escravos tinham poder sobre os corpos escravizados, controlando os mesmos para realizar suas vontades. Assim, a partir das relações entre as personagens na obra, Dana reflete sobre o modo como as mulheres daquela época eram tratadas e, como as relações para com as pessoas negras, poderiam ser tão infectadas de ódio. Destarte, Davis (2016) argumenta que as mulheres escravizadas sofriam de maneira ainda mais agravante, porque eram vítimas não só de açoites e chicotes, como também, eram submetidas a abusos sexuais e outros maus tratos bárbaros que só poderiam ser aplicados a elas.

Segundo Davis (2016), a mulher negra escrava sofria de modo ainda mais violento, pois, além de ser submetida a tarefas braçais, como em lavouras de plantações de algodão e tabaco, o trabalho era ainda mais prejudicial, porque quando ela estava exercendo o serviço, “a força e a produtividade sob a ameaça do açoite eram mais relevantes do que questões relativas ao sexo.” (Davis, 2016, p.19). Em outras palavras, quando era vantajoso para os senhores de escravos explorarem as escravas de maneira brutal desvinculando as mesmas de outros papéis sociais, eles o faziam. A personagem Tess, citada anteriormente, vivencia de maneira clara o que foi apontado por Davis (2016). Portanto, pode-se observar que além das questões raciais abordadas na obra, as personagens femininas sofrem, sobretudo por questões de raça e gênero. Assim, em diálogo com Davis (2016), Collins (2000) também argumenta sobre a importância e a necessidade de compreender as intersecções entre gênero, raça e classe. Conforme a autora discorre, é necessário analisar o papel que as mulheres negras desempenham em diferentes estruturas sociais e, dessa forma, entender o lugar que elas ocupam na sociedade. Portanto, ambas as teorias deixam claro que, para analisar as condições de vida das mulheres negras submetidas ao sistema escravocrata, inicialmente, é preciso buscar compreender a exploração a qual eram submetidas e, logo, suas condições sociais.

Nas palavras de Ribeiro (2017, p.43) “a história tem nos mostrado que a invisibilidade mata (...)”. Em *Kindred*, a invisibilidade e os sofrimentos aos quais as escravas são submetidas não as matam, mas marcam suas vidas profundamente. É possível verificar tal argumentação quando Dana descreve a personagem Alice, outra mulher negra vista como propriedade da família de Rufus. Ela é vítima de barbaridades cometidas por ele que não se

envergonha de estuprá-la, contudo, se envergonha de sentir afeto por ela simplesmente por ser negra. Destarte, a narradora argumenta:

Ela não perdoava nada, não se esquecia de nada e o detestava com a mesma intensidade com que amara Isaac. Eu não a julgava. Mas de que servia o ódio dela? Ela não podia fugir de novo, nem matá-lo nem enfrentar a própria morte. Não podia fazer nada além de se sentir mais triste. Ela disse: “Meu estômago embrulha sempre que ele me toca!”. Mas ela suportava. (BUTLER, 2017, p.288)

É importante ressaltar que Dana é responsável por intermediar a relação entre as personagens Rufus Weylin e Alice Greenwood. Ao longo do romance, a narradora mostra para o leitor a importância de cada personagem, Rufus e Alice, por exemplo, pois eles são fundamentais para que a protagonista e o restante de sua família possam nascer anos mais tarde. Como dito anteriormente, Dana é consciente que sua existência futura depende da vida deles e da relação que estabelecem entre si. No entanto, intermediar e vivenciar os abusos que a relação entre as duas personagens gera, é tarefa árdua para Dana, porque para garantir sua vida décadas mais tarde é necessário que ela experiencie desumanidades vivenciadas pela população negra, e especificamente pelas mulheres negras. Em relação à personagem Alice Greenwood, Dana vivencia as dores infligidas a ela com proximidade, ela assiste à prisão de Alice, seu adoecimento por causa da prisão e, também, sabe que a personagem é submetida a estupro constantes cometidos por Rufus Weylin, a medida em que ele cresce e se torna adulto. Não obstante, Alice é vítima de espancamento e abusos de diversas naturezas, ou seja, os abusos conferidos a ela no romance ultrapassam o âmbito físico, é nítida a violência psicológica a qual a personagem é submetida. Deste modo, ficam evidentes em *Kindred* as marcas deixadas pela escravidão. Enquanto vive como escrava na fazenda e serve de intermediadora da relação de Rufus e Alice, Dana lida com o sistema escravista e, sofre de maneira intrincada com as ações de Rufus. Em um episódio da obra, ele pede a Dana para que convença Alice a ter relações sexuais com ele. Ele afirma, claramente, que Alice tem duas opções: ou ela aceita sem resistência sua proposta ou ele a estupra. Não obstante todo sofrimento infligido à Alice, mesmo depois de ser presa, de sofrer diversos episódios de assédio, de quase perder a vida, ela acaba se rendendo e casa-se com ele contra sua própria vontade. Os silenciamentos em relação a essa personagem ocorrem em todos os níveis: físico, emocional e psicológico, já que ela devia aceitar os desejos de Rufus ou seria submetida ao açoite, como é possível constatar no trecho em que a protagonista diz que foi falar com Alice,

a pedido de Rufus para convencê-la a “aceitá-lo em silêncio e para dizer que você vai ser chicoteada dessa vez se resistir.” (BUTLER, 2017, p.266).

Segundo Davis (2016), as mulheres negras do século XIX lutavam e confrontavam a escravidão o tempo todo, elas almejavam a liberdade, não somente em relação a supremacia branca, como também, da soberania sexista. Alice é um exemplo claro disso no romance. Embora sua condição fosse limitada como escrava, ela tentou se casar com o homem que amava, tentou escapar de Rufus o quanto pôde, mas o poder que ele tinha sobre sua vida, a deteve. As inúmeras tentativas de resistência de Alice não foram suficientes: Rufus Weylin consegue comprá-la, como se compra uma mercadoria qualquer em um mercado e, assim, ter domínio sobre sua existência. Em outro episódio da obra, Dana conversa com Rufus tentando mostrar para ele que suas atitudes em relação à Alice são extremamente agressivas e inaceitáveis, contudo, o personagem é indiferente à realidade vivenciada pelas pessoas escravizadas, principalmente em relação à Alice, que é alvo de seus caprichos. Suas atitudes no romance evidenciam o caráter de um homem inescrupuloso, agressivo e sem empatia.

Através do exposto, o leitor pode observar o caminho tortuoso pelo qual Dana se desloca, assim como sua vulnerabilidade e, também, a fragilidade e a impotência das mulheres negras diante do sistema escravista. Por isso, quando Lorde (2013) afirma em seu texto exposto em uma conferência realizada em 1979: “As ferramentas do mestre nunca irão dismantelar a casa do mestre”, ela está argumentando que, ainda que pessoas brancas, como a personagem Rufus Weylin saibam das crueldades que estão cometendo, o que estão falando e das consequências que seus atos geram, essas pessoas/personagens não irão abdicar de seus privilégios no que se refere a outras pessoas/personagens que não possuem privilégios. Ou seja, o que Lorde (2013) defende de maneira intensa na sentença citada acima é que pessoas negras falem por elas mesmas, dismantelando silenciamentos hegemônicos, a fim de fazer ecoar seus discursos. Dana, foi ingênua ao tentar fazer com que Rufus Weylin não cometesse atrocidades, visto que, antes mesmo dela o conhecer, ele já era diretamente influenciado pelo contexto no qual vivia e, além disso, ele tinha plena consciência do poder que tinha sobre a vida dos escravos. Todavia, ela tinha esperança de que ele fosse generoso ao conhecer a história:

- Você está lendo a história, Rufe. Vire algumas páginas e encontrará um homem branco chamado J.D.B. DeBow dizendo que a escravidão é boa porque, entre outras coisas, ela dá aos brancos pobres alguém a quem menosprezar. Isso é história. Aconteceu, não importa se te ofende ou não. (...) Eu havia dito que não podia fazer nada para mudar a história. Mas se

a história pudesse ser mudada, aquele livro nas mãos de um branco, ainda que fosse um branco solidário, poderia ser o que mudaria. (BUTLER, 2016, p. 226-227)

É nítido que Rufus Weylin é herdeiro da “casa grande”, portanto, não é surpresa para o leitor que seus atos confirmem quem ele é: um homem branco do século XIX senhor de escravos. Dana tentou provocar a reflexão e afinidade nele, mas é evidente que ele não ajudaria em nada que fosse contra seu modo de viver, bem como, seus privilégios. Não obstante, ele ordena que Dana queime o livro de história:

- Você nunca levou uma surra como a que ele te daria se encontrasse esse livro. (...) - Então, jogue esse livro na lareira. (...) Rasguei o livro em vários pedaços e o joguei nas brasas de sua lareira. O fogo aumentou e engoliu o papel seco, e eu me lembrei de livros nazistas sendo queimados. As sociedades repressivas sempre pareciam entender o perigo das ideias “erradas”. (BUTLER, 2017, p. 227-228)

Vale comentar neste momento que em diversas situações, a protagonista acessa livros de História, lendo trechos dos mesmos e falando sobre personalidades importantes que, ao longo dos anos, foram cruciais para destituir o sistema escravocrata e amenizar as violências advindas do racismo. Em outras palavras, o romance de Butler (2017) chama atenção também para a construção da História do povo negro ao mostrar ou ensinar ao leitor quem foram as personagens históricas revolucionárias que lutaram a favor da liberdade, respeito e igualdade. Essa estratégia não só serve como homenagem para aqueles que foram relevantes para o povo negro, mas também como forma de não deixar silenciar a existência e o heroísmo dessas personalidades. Como a citação destacada mostra, Dana confronta as opressões impostas a ela e a outras personagens no romance mostrando a Rufus Weylin os dois lados da história. Ela expõe a brutalidade da escravidão, incluindo estupro e aprisionamento da população negra. No entanto, Rufus não se esforça para compreender o que ela tem a dizer sobre a escravidão e silencia Dana, mais uma vez, ordenando que ela queime o livro como revelado acima. É importante notar como é simbólica a queima do livro, pois, em sistemas ditatoriais e totalitários, como o nazismo, a eliminação de livros de autoria de pensadoras que expressavam uma ideologia contrária ao regime foi muito comum. Queimar um livro é silenciar uma fonte de conhecimento no contexto de *Kindred*, interessava aos donos do poder silenciar a verdade histórica, que deve ser calada porque não corrobora com a manutenção do sistema dominante. Mais do que silenciar somente Dana, a atitude invisibiliza a presença da

verdade alternativa ao poder vigente. O pensamento evidenciado por Spivak (2010) é revelado constantemente em *Kindred*, visto que, Dana não só testemunha as atrocidades enfrentadas pelas mulheres negras no sistema escravista, bem como, vivencia tais experiências do mesmo modo. Dessa maneira, a voz da protagonista possui a autoridade da experiência e, por consequência, a autenticidade do relato. Por isso, a narrativa de Dana é carregada de sinestesia que remete a dor e ao pesar, trazendo a identidade da mulher negra dos anos 70 experienciando a escravidão.

Sob outra perspectiva, ao narrar a Maryland de 1815 e a Califórnia de 1976, Dana revela que o passado colonial se faz presente, ainda que possua características diferentes do sistema escravista. Segundo Davis (2016), a população negra não teve acesso pleno aos seus direitos nesse sistema utópico intitulado pós-abolição. Conforme a autora, a segregação nunca acabou de fato, ela ainda persiste atualmente nos Estados Unidos, mesmo não encontrando amparo em alguma lei. A autora ainda ressalta que o sistema democrático dos Estados Unidos foi afetado por uma hierarquia racial, que vem sendo sustentada e estruturada desde o período escravocrata e surge delineando novas formas na atualidade. Retomando Spivak (2010) quanto à posição da mulher subalterna, a autora não mostra soluções para que a mulher saia dessa condição subordinada. No entanto, ela argumenta que a reflexão acerca do silenciamento da mulher não deve permanecer somente no imaginário, ou seja, é necessário ressignificar a condição imposta à mulher trazendo esse discurso para o espaço social, portanto é preciso incluir as vozes das mulheres como sujeitos ativos seja na sociedade ou na literatura.

Através do exposto é preciso salientar que, assim como seus antepassados, Dana precisou aprender a “aceitar” a realidade da Maryland de 1815 e suas implicações, pois ela aprendeu na sua condição de escravizada a tolerar a vida naquele período histórico. A sociedade e as pessoas da época poderiam feri-la e até mesmo matá-la brutalmente, por ela ser uma mulher negra. Dana demonstra, de maneira dolorosa, para o leitor como os escravocratas da época disseminavam ódio gratuito para a população negra. Assim, é interessante notar o argumento de Spivak (2010) em relação à produção colonial “(...) Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” (p.17) Deste modo, a autora convida o leitor a refletir acerca de como o subalterno pode-se fazer ouvir:

Em seu livro recentemente publicado no Brasil intitulado *A liberdade é uma luta constante* (2018) Davis argumenta em um artigo do livro que, independente de outros fatores,

a história da população negra está “impregnada de um espírito de resistência (...) um espírito de transformação” (p.104) e a escrita de Dana ainda que de maneira cautelosa, evidencia o desespero da personagem e sua vulnerabilidade diante de uma situação assombrosa. A escrita de Dana não a liberta do sistema para o qual é transportada, ao contrário, o saber dela gera sofrimento e severas punições no romance. Pode-se observar aqui outra forma de silenciamento, já que, nota-se como a escrita subalterna da personagem incomoda personagens brancas como Tom Weylin, o pai de Rufus, ou seja, os detentores do poder. Esse incômodo causado pelo domínio do saber de Dana revela de maneira intensa a importância de sua escrita e o que ela traz em si: uma escrita marcada pela resistência individual e coletiva de seu povo. Ao longo da narrativa, Dana descobre que sua família se originou da união de Rufus e Alice e sofre ao perceber que a futura existência dela e de seus antepassados adveio de constantes estupros, maus tratos e violências de toda a sorte. A família da protagonista se originou de uma união inter-racial, marcada por ações que ela repudia, enquanto sujeito dos anos 70. As viagens no tempo e espaço servem como forma de se olhar o passado, passando pelo filtro do presente, para que o leitor entenda que também é filho da escravidão e da mistura de povos. Seja o homem ou a mulher branca, que teve a descendência dos donos de escravo, seja o pardo ou negro, que teve precursores escravos, *Kindred* nos mostra que todos foram atravessados por esse regime. O romance, então, serve como um alerta para que se entenda as raízes do racismo institucional, a desigualdade de privilégios e a luta que os antepassados de todos e todas tiveram que travar em prol do direito de viver e da liberdade.

Ao longo deste texto, buscamos expor por meio da análise do romance de Butler (2017) como mulheres negras foram silenciadas de diversas maneiras ao longo da história. Davis (2016) e Ribeiro (2017) nos mostram que os mesmos silenciamentos que ocorreram no passado, ocorrem no presente, de maneira implícita, mas apresentando a mesma máscara colonial. Portanto, diante do exposto faz-se necessário pensar de maneira crítica, como faz Orlandi (1995), quando aponta que os discursos hegemônicos operam na sociedade impossibilitando a circulação de outros discursos, principalmente em relação à mulher como sujeito intelectual, como salienta Spivak (2010). Ainda, a possibilidade de falar de dentro para fora do sistema escravocrata ocorre porque Dana viaja no tempo/espaço, obtendo assim a chance de olhar e viver uma época no passado e poder contar, no presente dela, a história de tantas mulheres. Assim, ficcionalmente, na década de 70, a protagonista pôde então romper com o silenciamento imposto há séculos. Desta maneira, muito mais do que os aspectos científicos que envolveriam uma viagem do tempo/espaço, *Kindred* faz parte da tradição da

literatura de Ficção Científica Feminista por buscar traçar uma versão alternativa à História, resgatando os aspectos sociais, políticos e econômicos que envolvem a mulher negra.

Destarte, é possível notar que Butler (2017) se apropria da voz de uma mulher negra contemporânea para discutir a escravidão, seus efeitos e, mais, a desumanização das mulheres negras atentando, principalmente, para a questão racial, visto que as sociedades escravocratas foram formadas a partir da base ideológica do racismo. Assim, a voz narrativa mostra de forma sutil a urgência da não hierarquização das opressões, considerando as intersecções de raça, classe e gênero para pensar um modelo de sociedade igualitária. Ou como afirma Gonzalez (1984) de maneira pertinente “o lixo vai falar, e numa boa”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRO, Carmen López. “*A Slow Process of Dulling*”: *Slavery and Science Fiction in Octavia Butler’s Kindred*. Universidade da Coruña, 2014. Disponível em: <https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/13861/LopezBarreiro_Carmen_TFG_2014.pdf;sequence=2>. Acesso em: 14 maio 2018>.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Octavia Estelle. *Kindred Laços de Sangue*. São Paulo: Morro Branco, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment*. Nova York: Routledge, 2000. p.1-384

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

GONZALEZ, Lélia Gonzalez. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje: Anpocs, 1984. Disponível em: <<https://goo.gl/VFdjdq>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

HUBBLE, Nick; MOUSOUTZANIS, Aris. *The Science Fiction Handbook*. [S. l.]: Bloomsbury, 2013. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=cVAQAqAAQBAJ&pg=PA90&lpg=PA90&dq=kindred+scientific+fiction&source=bl&ots=WEfaGV6doC&sig=ACfU3U3UyqC0hdC5SjPY8bmIoILx0QpIWw&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwj7fOO87ThAhUzHbkGHdnhDF84ChDoATARegQIBRAB#v=onepage&q&f=true>>. Acesso em: 8 abr. 2019.

LORDE, Audre. *Mulheres negras: As ferramentas do mestre nunca irão desmantelar a casa do mestre*. www.geledes.org.br, 10 jul. 2013. Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantelar-a-casa-do-mestre/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

O estado é racista, mas se falo isso é mimimi', diz advogada algemada no Rio. www1.folha.uol.com.br, 12 set. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/o-estado-e-racista-mas-se-falo-isso-e-mimimi-diz-advogada-algemada-no-rio.shtml>>. Acesso em: 20 set. 2018.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3. Ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PAVANI, Amanda. *Ficção Científica contemporânea escrita por Mulheres: Margaret Atwood, Octavia Butler, Marge Piercy, Connie Willis*. 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498852045_ARQUIVO_TextocompletoMundosdeMulheres-Final.pdf>. Acesso em: 12 de Março de 2019.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.